



## GT 051. Performances e marcas da religião na cidade

Emerson Giumbelli (UFRGS) - Coordenador/a,  
Edilson Pereira (UERJ) - Coordenador/a, Christinã  
Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense)  
- Debatedor/a

O tema da religião encontra na Antropologia uma longa tradição, com pesquisas seminais sobre o seu papel na vida social e suas formas de expressão material e simbólica. Performance, por sua vez, tornou-se tema de estudo antropológico especialmente nas últimas décadas do século XX, em diálogo com outros campos de conhecimento. Notabilizou-se, sobretudo desde os anos 1990, a presença da religião em gramáticas e estéticas acionadas por atores identificados com os mundos da política, da cultura, do turismo, do crime em interações materializadas e/ou que se desenrolam em áreas públicas, periferias e outros espaços citadinos. Ao aproximar esses temas, o GT busca avançar sobre fronteiras conceituais e metodológicas na investigação de modalidades de ação e comunicação no espaço urbano, dando ênfase a performances e materialidades. Trata-se de uma via de acesso aos processos sociais que refletem o papel da religião na experiência urbana e nas modalidades de compreensão da cidade. Deste modo, interessam-nos estudos etnográficos que enfatizem composições, conexões, controvérsias e disputas entre atores sociais que articulam espaço urbano e religião a partir de performances e marcas (monumentos, arquiteturas etc.) com inflexões mais amplas na vida social. Nosso objetivo é reunir estudiosos que, interessados em dinâmicas do religioso da e na cidade, apresentem abordagens criativas sobre movimentos e intersecções performadas entre valores, estéticas, territórios e temporalidades.

### **Tradição x Turismo: a Festa de Iemanjá de Fortaleza em processos de resistência**

**Autoria:** Jean Souza dos Anjos, Antonio George Lopes Paulino

Registrada como Patrimônio Cultural Imaterial pelo município em 2017, a Festa de Iemanjá de Fortaleza passa por profundas transformações desde a ruptura entre grupos que a organizam, o que resultou na formação de dois polos: um na Praia do Futuro, onde a festa acontece há mais de 50 anos e outro na Praia de Iracema, que se configura há 6 anos, no dia 15 de agosto. Os dois polos disputam recursos públicos dos governos municipal e estadual. É importante entender que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Praia do Futuro é um dos mais baixos da cidade, comparado ao da Praia de Iracema, que é um dos mais altos. É na Praia de Iracema que se realiza o réveillon de Fortaleza e grandes eventos musicais. Enquanto um movimento de degradação ocorre na Praia do Futuro, outro movimento de exaltação acontece na Praia de Iracema. A quem interessam essas disputas? Por que o poder público não tem dado atenção especial à festa da Praia do Futuro, já que ela ocorre há mais tempo? Salientamos que no mesmo dia acontece a Caminhada com Maria, procissão alusiva à festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Assunção, evento que recebe todo um aparato institucional da prefeitura e é patrimônio cultural imaterial desde 2015, com apenas 15 anos de existência, por sanção da Presidência da República. Acompanhando a Festa de Iemanjá há 10 anos, percebemos que o poder público tem se voltado para transformá-la em um evento turístico religioso (a exemplo da festa da padroeira), com apoio de parte das associações de Umbanda. A Festa de Iemanjá de Fortaleza é que tem sido apontada como a sétima cidade mais violenta do mundo e de uma profunda desigualdade socioeconômica pode ser refletida como uma metáfora da cidade dividida entre ricos e pobres em territórios demarcados pela pobreza e riqueza social. Estudos da Antropologia Contemporânea (Feldman-Bianco, 2010) nos ajudam a compreender conflitos e contradições nos territórios onde a festa acontece e o aporte teórico dos estudos sobre a cidade (Velho, 2013; Certeau, 2003) nos orientam a pesquisar no contexto urbano e adentrar aos significados de práticas e relatos de espaço. Perez (2011) nos indica que a festa é o reflexo de determinado sistema de relações econômicas e políticas e nos interpela a refletir em um exercício



crítico epistemológico, filosófico e antropológico, de caráter interdisciplinar. À guisa de conclusão, temos percebido e somos afetados pela Festa de Iemanjá como um movimento de resistência, pluralidade, conflito, celebração e reinvenção do povo de terreiro de Fortaleza que, como as ondas do mar sagrado de sua homenageada, está se resignificando para dar conta da continuidade da festa.



## Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

**Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA**  
**Diretoria da ABA 2017/2018**  
**Comissão Organizadora da 31ª RBA**

**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

